

Herbert Caro ou o tradutor como lenda

Michael Korfmann

Fifteen years after his death in 1991 one can trace a certain tendency to turn the person and personality of Herbert Caro into a legendary figure where his work as a recognized translator mingles with episodes related to his passion for music as well as his specific kind of humour. It is therefore of no surprise that Caro himself turned into a literary character of the novel *As Confissões de Lúcio* by Brazilian writer Fernando Monteiro.

Keywords: Herbert M. Caro; legend; Fernando Monteiro;

O trabalho de tradução de Herbert Caro é devidamente reconhecido e já foi tema de diversos artigos. O reconhecimento pelo seu trabalho, bem como sua contribuição para a difusão da cultura alemã no Brasil, também se expressa em prêmios e distinções como: a *Cruz da Ordem do Mérito*, a Primeira Classe (recebida em 1974, em Bonn), o prêmio da *Associação Paulista de Críticos de Arte* (1983), o *Prêmio Nacional de Tradução do INL* (Instituto Nacional do Livro), em 1985 e um ano mais tarde recebeu o título de *Cidadão Emérito* de Porto Alegre.

Como em todo trabalho tradutório, caracterizado pelos teóricos mais radicais como “traduzir é traír”, há, evidentemente, também críticas esporádicas a certas decisões tomadas na difícil tarefa de achar uma forma lingüística adequada, já que a tradução, conforme o próprio Caro “não é literatura pelo avesso” (apud CANDELERO, 1995, p. 76) e, assim, não corre sempre “numa estrada paralela a do original” (p. 76). Conseqüentemente, o resultado dá margem a soluções variadas, já que os idiomas nem sempre (ou raramente) coincidem; a intenção do autor do original é inatingível, e o tradutor não consegue evitar se colocar na tradução para garantir um traslado textual que flui sem se afastar essencialmente da fonte. Marcus Mazzari, por exemplo, ao analisar criticamente as traduções que Herbert Caro fez de livros de Thomas Mann como *Os Buddenbrooks*, *A Montanha Mágica*, *Carlota em Weimar*, *As Cabeças Trocadas* e *Doutor Fausto*, constatou que Caro enfrenta o desafio com uma soberania e liberdade que lhe facultam desviar-se, por vezes, da estrutura lingüística, ou mesmo do significado de uma frase isolada, sem, contudo, jamais transgredir o sentido mais profundo da obra. “O leitor brasileiro do *Doutor Fausto* tem assim em mãos um texto plenamente confiável” (2000, p. 1). Mas também comenta criticamente certas decisões textuais: chega à conclusão que em algumas passagens o tradutor preocupa-se em buscar sinônimos para termos que não variam no original; assim, “o mesmo substantivo “Kälte”, frieza, e o adjetivo “kalt”, frio, tão essenciais na história de Adrian, aparecem às vezes, desnecessariamente, como “frigidéz” ou “frígido”. Mazzari considera primorosa a tradução do capítulo 25, em que um Diabo proteiforme discorre sobre o pacto e a doença doadora de

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Avenida Bento Gonçalves 9500, 91540-000 Porto Alegre, RS; Brasil. Fax: 0055 51 3308 7303; Tel: 0055 51 3308 6696; e-mail: michael.korfmann@ufrgs.br

genialidade, sobre a precária situação da música no século 20 e a realidade indescritível da “espelunca” infernal: “Meu prezado amigo, convém, portanto, que se contente com *symbolis*, quem quiser falar do Inferno”. No entanto, acha que o texto em português fica muito aquém do substrato arcaico do original. “Uma pesquisa filológica mais aprofundada poderia ter fornecido ao tradutor um repertório mais amplo de arcaísmos portugueses” (p. 2). Mazzari conclui sua avaliação dizendo que estas soluções menos felizes não empanam o reconhecimento que devemos a esta tradução “que soube captar com maestria o tom, o ritmo, a perspectiva que moldaram o original” (p.2). Conforme o crítico, Caro revela igualmente domínio íntimo dos vários assuntos e temas tratados no romance, em primeiro lugar a teoria musical. Cita como exemplo a descrição, no penúltimo capítulo, de “A Lamentação do Doutor Fausto”, da nota final que por longo tempo permanece vibrando na alma, suspensa no silêncio “como uma luz na noite”: “O sol agudo de um violoncelo, a última palavra, o derradeiro som que plana no ar e se extingue, lentamente sumindo numa fermata em pianíssimo”. Em alemão, “sol agudo” é a nota “g” (“das hohe g”), inicial da palavra “Gnade” (graça) a que Mann quis aludir para conferir um acorde de esperança à sombria história de Leverkühn (e da Alemanha hitlerista). “Se a tradução renuncia a tal alusão, o sentido do original fica plenamente preservado com esse ‘sol’, que não só corresponde ao ‘g’ da antiga nota musical, mas também à sugestão de luz que se levanta no final do romance” (p. 2).

Citamos estes trechos para mostrar como as discussões e reflexões fazem parte do ofício e das divergências usuais das respectivas áreas comunicativas, confirmando, antes de tudo, os impulsos estimuladores exercidos pelo trabalho de Caro.

Mas como todos nós sabemos, o trabalho de Herbert Caro não foi apenas significativo no campo da tradução, mas se estendeu à música erudita, as artes plásticas e a crônica jornalística. Assim, a figura de Caro não se restringe apenas a de um tradutor “invisível”, atrás dos grandes nomes da literatura alemã, mas tornou-se uma figura pública relevante e referenciada. Se no livro-homenagem publicado em 1995, quatro anos posterior ao seu falecimento (em 1991), e 60 anos depois de sua chegada a capital gaúcha, encontram-se artigos e depoimentos de muitas pessoas, amigos ou contemporâneos de Herbert Caro, quinze anos mais tarde a sua morte já é possível encontrar certos traços lendários em torno de sua figura. Isso é plausível ou até resultado consequente das circunstâncias históricas: não se pode abstrair seu trabalho de tradutor de sua função como referência cultural, representante de uma cultura humanista-tradicional alemã, que de certa forma se aproxima à posição do próprio Thomas Mann.

Referente à relação entre o texto/escritor e o tradutor, Paulo Henriques Britto declara: “[...] continuo achando que a minha meta, ao traduzir um texto literário, não pode ser outra que não tentar reproduzir no meu idioma, dentro das minhas possibilidades, os efeitos textuais do original. Ou seja: continuo querendo ser transparente, ainda que não tenha ilusões sobre a possibilidade de uma transparência absoluta. Um exemplo de teórico cujas posições me parecem sensatas é a do australiano (radicado na Espanha) Anthony Pym. Respondendo a alguns teóricos contemporâneos, os quais não vêem nenhuma diferença essencial entre escrever e traduzir, e que acham importante o tradutor deixar uma marca sua explícita no seu trabalho, Pym responde que se o tradutor quer que sua voz seja ouvida de modo explícito, então que escreva uma introdução, um posfácio, notas de rodapé — ou, melhor ainda, que publique um artigo ou um livro. Quando leio Thomas Mann traduzido para o português por Herbert Caro, é porque quero ler Mann e não sei

alemão, e não porque quero ler Herbert Caro.” (1996, p.2). Se, do ponto de vista meramente tradutório, isso representa uma posição aceitável e, imagino, compartilhada pelo próprio Caro, é preciso levar em conta que, devido às circunstâncias históricas como exilado judeu alemão, a figura de Herbert Caro é inserida numa dimensão cultural mais ampla e com isso, o aspecto biográfico ganha em importância. Lembramos aqui que a discussão sobre a importância do aspecto biográfico, em relação à produção criativa, foi um tema polêmico neste ano, surgida com a recente publicação do livro *Breve História da Literatura Alemã de 1945 até hoje*, de Volker Weidermann. Em 330 páginas, o crítico trata de seis décadas de história literária alemã, dando ênfase especial a aspectos biográficos, em detrimento de uma análise do contexto e do tratamento da linguagem nas obras. A história literária de Weidermann parece se embasar, em grande parte, no contato estabelecido por ele, redator-chefe do suplemento cultural do *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, com os escritores que conheceu em sua atividade. Weidermann explicita suas intenções da seguinte maneira: “Final, o que sempre me interessou ao ler livros foram questões como: que tipo de pessoa é essa? Quem é esse que está escrevendo, e que história está por trás disso? E quase cada uma das 130 histórias de vida que escrevi para este livro é trágica. É a história de uma carência, de uma fúria, de uma invalidez, de uma necessidade existencial que levou o autor a escrever e que forma o pano de fundo de todos os grandes livros necessários, verdadeiros e passionais desta época.” (2006, p.4). Acho que da mesma forma, a história pessoal de Herbert Caro torna-se inseparavelmente ligada as suas atividades tradutórias, culturais e jornalísticas no exílio brasileiro, insistindo na tradição clássica da cultura alemã mesmo em circunstâncias tão desfavoráveis. Neste contexto, lembramos aqui ainda o fato de que Caro dirigiu durante quase duas décadas a biblioteca do *Instituto Goethe*, suas palestras apoiadas pelo uso de um epidíscopio, bem como conferências no exterior sobre pintores do Brasil colonial.

O mesmo engajamento pela tradição cultural alemã pode ser visto também na tradutora, com background similar a de Caro, Ilse Losa (1913-2005), nascida perto de Osnabrueck, Alemanha. Ilse fugiu em 1934 da perseguição nazista aos judeus para a cidade de Porto, Portugal, onde casou em 1935 com o arquiteto Armênio Losa, assumindo a nacionalidade portuguesa. Publicou em 1949 seu livro *O Mundo em que eu vivi*, em 1952 *Rio sem Ponte* e em 1962 *Sob Céus Estranhos*. Além de escrever seus próprios romances, contos, ensaios e livros infantis, Ilse verteu as obras de muitos autores portugueses para o alemão, organizou antologias para editoras da Alemanha Oriental e traduziu autores alemães para o português, entre outros Bertolt Brecht, Thomas Mann, Max Frisch, Anna Seghers, Erich Kästner, bem como o diário da Anne Frank, tornando-se assim uma intermediadora cultural importante entre os dois países. Ilse Losa ganhou diversos prêmios importantes em Portugal, mas nunca teve uma recepção adequada em seu país de origem.

Quinze anos após seu falecimento, Herbert Caro, freqüentemente caracterizado como um alemão de aparência severa e rígida, de difícil trato, mas de um humor velado e surpreendente, começa a figurar, além de um tradutor, também como uma personalidade cult. Neste processo, seu trabalho, sobretudo como tradutor de Thomas Mann, mistura-se com traços biográficos, anedotas e histórias em torno de suas atividades no *Correio do Povo*, suas visitas regulares a uma loja de discos eruditos de Porto Alegre, sempre realizadas aos sábados pela manhã e as discussões sobre música com outros freqüentadores. É preciso lembrar ainda sua amizade com o escritor Rideamus, ou Fritz Oliven, um dos mais famosos escritores de textos

humorísticos e libretista destacado no início do século XX. Caro e Rideamus moravam no mesmo edifício na Joachimsthalerstr. número 11, em Berlim. Fugiu da perseguição nazista e fixou residência em 1939, em Porto Alegre, onde já se encontrava Herbert Caro, e onde veio a falecer no ano de 1956. Foi aqui que escreveu, no final dos anos 40, sua “autobiografia” *Rideamus – a história de uma vida alegre contada por ele próprio*, um texto no espírito programático do escritor, Rideamus ou “Vamos rir” em português, no qual elementos verídicos e ficcionais, momentos alegres e outros um pouco melancólicos se misturam. O livro foi publicado em 1951 pela editora *Füllhorn* de Berlim, sendo posteriormente reeditado pela editora *Goldmann* como livro de bolso.

E há, nos traços biográficos de Herbert Caro, uma série de aspectos que favorecem a formação de uma figura cult: de um lado, representa muitos aspectos de uma formação cultural alemã clássica e tradicional. O fato de Herbert Caro ter sido advogado, o coloca numa linha representada por diversos escritores com formação jurídica como o já citado Rideamus, e nomes como Matthias Claudius, Goethe, Novalis, os irmãos Grimm, Heinrich Heine, Franz Kafka, Adalbert Stifter, Franz Wedekind, Peter Handke ou Bernhard Schlink, para citar apenas os autores mais expressivos. Há evidentemente muita especulação sobre este fato curioso. Diz a lenda que a criatividade artística nasce do sofrimento causado pela advocacia e o escritor e diplomata francês Jean Giraudoux ironiza: “Nunca um poeta interpretou a natureza tão livremente como um jurista, a realidade”. Certamente a convicção (justa) que a formação jurídica poderia garantir um sustento financeiro deve ter contribuído para este fenômeno, sobretudo no século XIX, além do fato de que ambos se ocupam com a realidade através do medium da linguagem: o direito “serve para a condução de processos sociais, a literatura os reflete”, conforme as palavras de Bodo Pieroth da Universidade de Muenster, Alemanha.

Mas neste processo da formatação de uma figura referenciada evidentemente não basta possuir “apenas” qualidades tradicional-acadêmicas; ganha importância o fato de Caro ter jogado sete anos na seleção alemã de Tênis de Mesa (sendo destituído do cargo de diretor da mesma Federação em 1933), foi torcedor fanático do Internacional Sport Club de Porto Alegre e conviveu com pessoas renomadas como Erico Veríssimo, na famosa *Sala dos Tradutores* da Editora Globo, a partir de 1939. Não surpreende então que Herbert Caro - advogado-tradutor-esportista e conhecedor de música - surja como personagem num capítulo do romance *As Confissões de Lúcio* (2006) do escritor pernambucano Fernando Monteiro ou em um dos infinitos blogs na rede virtual, em que é descrito, por um dos que o conheceu, da seguinte maneira:

Conheci o Dr. Caro numa loja de discos eruditos de Porto Alegre, a *King’s Discos*. Lá, eu, ele, o Júlio - que trabalhava na loja - e outros, tínhamos um encontro não marcado, mas sempre repetido aos sábados pela manhã. Nós, o grupo dos tarados por música, ficávamos ouvindo as novidades e aprendendo com a inacreditável sabedoria do velho. Quando o conheci, ele já devia ter mais de 70 anos. [...] Creio que Caro não viu a falência do jornal *Correio do Povo*, onde por décadas publicou suas compreensivas (expressão dele) e lindamente escritas críticas musicais. Como convivi com ele entre meus 20 e 30 anos, era tratado pelo mestre como a criança curiosa que era. Ele tinha atenção especial para comigo e o Júlio, os jovens do grupo, e gostava de me orientar na obra de meus amados Bach e filhos,

Mozart, Brahms e Beethoven. Deu-me alguns discos, sempre sob o pretexto de servirem como comprovação de suas opiniões, nunca pelos motivos reais, que eram a consideração, a amizade e o carinho. Era alemão. Chamávamos o Dr. Caro de Doktor Carro, apelido de duplo sentido, pois ao mesmo tempo em que nos referíamos a seu forte sotaque, homenageávamos o grande tradutor de *Doutor Fausto* e *A Montanha Mágica* de Thomas Mann, *Auto-de-fé* de Elias Canetti, *A Morte de Virgílio* de Hermann Broch, *O Lobo da Estepe* e *Sidarta* de Hermann Hesse, etc. Ele era conhecido por ser de difícil trato, mas gostava de nós e creio que nos levava livres - a mim e ao Júlio - por receio de nossa ironia. Uma vez, pareceu-nos que ele auto-elogiava a tradução (a qual é impecável, insuperável) de *A Montanha Mágica* (uma obra-prima!) e nós começamos a falar sobre a inutilidade de se traduzir um livro em que nada acontecia, em que as pessoas ficavam falando sobre o tempo, doenças, guerra e que inaugurava o riquíssimo e “arborescente” gênero do erotismo tuberculoso.... Depois começamos a falar sobre a “metáfora da Europa” contida na obra e a bobajada alcançou níveis planetários. Viram? Para nós, era fácilmo conversar com ele. Ele primeiro ficava com aquela cara escandalizada de alemão rígido: estão-brincando-com-algo-que-é-sagrado-para-mim. Depois dava gargalhadas conosco. Voltava todos os sábados para nos ensinar e, eventualmente, para apanhar mais um pouquinho.” (RIBEIRO, 2005, p.3)

Referências parecidas ao Herbert Caro encontram-se no já citado romance *As Confissões de Lúcio* (2006) do sempre polêmico e combativo escritor Fernando Monteiro. Monteiro nasceu em Recife, em 1949, e é escritor, poeta, cineasta e crítico de arte. Publicou livros como *A múmia do rosto dourado do Rio de Janeiro*, *Aspades*, *ETs etc.* e *O grau Graumann*. Com seu último livro, *As Confissões de Lúcio*, Monteiro dá continuidade a uma história e a um projeto iniciados em 2002, com a publicação de *O grau Graumann* (Editora Globo, 2002). Lúcio Graumann é um escritor brasileiro desconhecido entre seus conterrâneos e que, repentinamente, acaba laureado com o prêmio Nobel. Dias antes de receber o prêmio, porém, o homenageado morre. Atormentado, o jornalista Mauro Portela, que se considera plagiado por Graumann, antigo colega de profissão, fica encarregado de administrar o espólio literário do grande autor falecido. A partir dessa trama, Fernando Monteiro, misturando ficção e realidade, criações suas e personagens verdadeiros - entre eles, vários escritores nacionais consagrados, debate questões bastante amplas sobre literatura no Brasil e no mundo, seus propósitos e suas mesquinhas. No final do livro avisa: “qualquer semelhança não é mera coincidência” e o fato de manter os verdadeiros nomes de muitas pessoas fez com que a editora Companhia das Letras rejeitasse a publicação, alegando que “há um desconforto com o fato de a editora e pessoas do nosso conhecimento fazerem parte do enredo”. Está acertado o lançamento do terceiro e último volume da trilogia, ainda neste ano. Sairá, em uma caixa, juntamente com *O grau Graumann* e *As confissões de Lúcio*.

Cito aqui um trecho do capítulo “Falenas na Sombra”, de *As Confissões de Lúcio*, em que Herbert Caro é chamado pela personagem central - o jornalista Mauro Portela - de “Herr Graal”:

Essa anotação eu lera ainda na praia da Paraíba. Havia sentado sobre o papel, na rede de Acaú (Lúcio o deixara amassado sob o calor de febre do seu corpo magro naquele descanso menos estreito do que parecia, e mais cheio de areia e detritos do que se esperava). Quando descobri o papel, pensei - não sei porque - nas três ou quatro vezes (um recorde!) em que havíamos saído para beber no bar de um alemão, próximo da redação do Correio porto-alegrense... o que não era garantia nenhuma de conversa fluente, de piadas, do humor leve de sextas-feiras nas quais você ouve e é ouvido sem grande atenção, alguém entra, você acena, retoma o fio da conversa que não se críspa e o mais. Não, com Lúcio talvez nunca fosse assim, ao contrário, embora não fosse um “chato” (eu, pelo menos, não achava), mas ao se usar a palavra “chato” talvez alguém quisesse referir aquela intensidade dos prisioneiros, isto é, uma conversa meio fixa e fiel a coisas que seguiam no centro do seu interesse, indiferente à indiferença da bebida, da diversão “organizada” como uma suspensão sem maior responsabilidade: um balão desinflado com fritas, uma coisa que pudesse ser esquecida como um jornal dobrado no banco de trás de um táxi. Claro, ele tinha humor - mas seu humor respondia só às convocações rápidas, breves. Herbert Caro compreendia bem esse humor - quando brigavam dentro e fora da redação do Correio cheia de falsos “humorados”. Caro muitas vezes alongou o jogo dos jogos de palavras que fazia com Lúcio, ao tempo das traduções que “Herr Graal” (como ele o chamava) admirava e, eventualmente, corrigia aqui e ali, em algum tijolo do idioma de Mann fundindo dois vocábulos com a sombra do terceiro como a águia sobre os picos nevados da montanha mágica disputando a visão da alma ingênua de Hans Castorp que não tinha humor, acusava Graumann, e Herbert respondia que era burrice de Lúcio não ver o humor de Mann naquele grau de exarcebação do “espírito monótono” que, no fundo, era de Heinrich e não de Thomas, como se poderia pensar do nariz degaulleano do prêmio Nobel refugiado na América para escapar da “parentada” de Graumann (uma estocada de Caro, suponho que dirigida aos ascendentes maternos, aos Braun cheios de loura burrice responsável por queimar livros em praças públicas)...

Seria um verdadeiro sanatório - e não uma metáfora da Europa - se a vertente “Heinrich” houvesse escrito o livro fascinante justamente por ser de um homem destinado a compreender tudo tarde, depois que as coisas se tornavam irremediáveis (respondia Caro, seriamente, às provocações de Graumann), e Lúcio poderia sorrir, mudar de assunto, contar uma piada - isso não seria o esperado e, contudo, quando a contasse, seria com inesperada graça, sem grande empenho, é verdade, mas com certa graça engraçada até por ter um quê de deslocada... sem no entanto riscar o vidro daquela intensidade do humor que se oculta na “seriedade” - o mesmo caso de Mann? - e que corresponde bem a uma pitada de humor secreto (não sei se isso poderá ser perfeitamente entendido por quem tenha sempre procurado ou preferido os amáveis palhaços de um escritório, Graumann não teria sido jamais um deles) manifestando-se no meio de uma roda como aquela do Correio dos velhos tempos, posso até rever a cabeça inclinada de Caro e a de Lúcio, por sua vez, no seu “ponto de parada”, naquilo que não correspondia a uma dessas pausas que se faz buscando a

“aprovação” de algum raro conviva ainda mais ensimesmado, ou surpreendendo - então - por qualquer participação súbita e perfeitamente ajustada...

Não cabe aqui discutir a qualidade literária ou estética da obra de Monteiro, mas chama atenção que, com todo seu posicionamento “marginal” referente às instâncias representativas da vida literária e cultural do Brasil, ele encontra em Herbert Caro uma figura além das detestáveis convenções sociais, resistente as falsas harmonias e de uma qualidade própria, e claro, com certo toque de aspereza. Resta expressar a esperança que a pessoa, a figura e a lenda de Herbert Caro continue ser uma inspiração para outros, seja na forma escolhida por Fernando Monteiro ou em outra variação. Neste contexto, podemos talvez pensar na vida multifacetada de (H)erbert (C)aro como uma partitura a ser explorada. Ele próprio declarou certa vez: “Os compositores de obras musicais costumam dar indicações quanto ao modo como deve ser tocada esta ou aquela peça. Entre os cronistas não existe este hábito” (CANDELORO, p. 71).

Bibliografia:

BRITTO, Paulo Henrique. Entrevista a Mauri Furlan e Walter Carlos Costa. Publicada originalmente nos *Cadernos de Tradução do Núcleo de Tradução da UFSC* (n. 2, 1996).

Disponível em: <http://www.escriitoriodolivro.org.br/oficios/paulo.html>

CANDELORO, Rosana J. (org.). *Herbert Caro*. Porto Alegre: EU/Porto Alegre, 1995.

HAGE, Volker. Literaturkritik. *Spiegel*. 10/04/2006. Disponível em: <http://www.spiegel.de/spiegel/0,1518,410432,00.html>

MAZZARI, Marcus. Liberdade contida. Em: *Folha de São Paulo*, publicado em 05/05/2000. Disponível em: <http://biblioteca.folha.com.br/1/18/2000050501.html>

RIBEIRO, Milton. Uma Incrível Coincidência. 10/01/2005. Disponível em: http://www.verbeat.org/blogs/miltonribeiro/arquivos/2005/01/uma_incrivel_co.html